



FACULDADE CRISTO REI - FACCREI

CURSO DE ENFERMAGEM

MARIANE ROBERTA DIAS

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NOS CUIDADOS PREVENTIVOS DA MASTITE EM
FASE INICIAL DA AMAMENTAÇÃO
NURSES' ROLE IN PREVENTIVE CARE FOR MASTITIS IN THE EARLY PHASE
OF BREASTFEEDING**

CORNÉLIO PROCÓPIO

2024



MARIANE ROBERTA DIAS

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NOS CUIDADOS PREVENTIVOS DA MASTITE EM
FASE INICIAL DA AMAMENTAÇÃO
NURSES' ROLE IN PREVENTIVE CARE FOR MASTITIS IN THE EARLY PHASE
OF BREASTFEEDING**

Artigo científico apresentado ao Curso do Curso de Enfermagem da Faculdade Cristo Rei de Cornélio Procópio - PR.

Professora-Orientadora: Prof. Esp. Claudiane de Andrade.

CORNÉLIO PROCÓPIO

2024

Ficha de identificação da obra com dados informados pela autora.

D58

Dias, Mariane Roberta.

Atuação do enfermeiro nos cuidados preventivos da mastite em fase inicial da amamentação/Mariane Roberta Dias - Cornélio Procópio, 2024.
24 f.

Orientadora: Prof.^a Esp. Claudiane de Andrade.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem)
Campus Faccrei - Faculdade Cristo Rei.

1. Prevenção. 2. Mastite. 3. Enfermeiro. 4. Educação. 5. Saúde.
I. Título.

CDD: 610.7



**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NOS CUIDADOS PREVENTIVOS DA MASTITE EM
FASE INICIAL DA AMAMENTAÇÃO
NURSES' ROLE IN PREVENTIVE CARE FOR MASTITIS IN THE EARLY PHASE
OF BREASTFEEDING**

Mariane Roberta Dias*
Claudiane de Andrade**

RESUMO: A mastite, caracterizada por inflamação dolorosa nas mamas devido à obstrução dos ductos mamários ou infecções, pode prejudicar o aleitamento materno. O enfermeiro atua na prevenção da mastite durante a fase inicial da amamentação, oferecendo suporte técnico e educativo às mães lactantes e orienta sobre a pega correta do bebê, a alternância entre as mamas e a importância de esvaziá-las adequadamente, prevenindo o ingurgitamento e outras complicações. Além disso, identifica precocemente sinais de desconforto, oferecendo intervenções para evitar a evolução do quadro. O acompanhamento contínuo e a educação em saúde, promove a confiança da mãe, assegura o bem-estar do bebê e previne a mastite no início da amamentação. O estudo investigou o papel do enfermeiro na prevenção da mastite e as causas dessa condição durante o início da amamentação. Os objetivos incluíram conceituar a mastite, identificar suas causas e consequências, e descrever as medidas preventivas que o enfermeiro pode adotar.

PALAVRAS-CHAVE: Prevenção. Mastite. Enfermeiro. Educação. Saúde.

ABSTRACT: Mastitis, characterized by painful inflammation of the breasts due to obstruction of the mammary ducts or infections, can impair breastfeeding. Nurses work to prevent mastitis during the initial phase of breastfeeding, offering technical and educational support to breastfeeding mothers and providing guidance on how to properly latch on the baby, alternating between breasts and the importance of emptying them properly, preventing engorgement and other complications. In addition, nurses identify signs of discomfort early, offering interventions to prevent the condition from progressing. Continuous monitoring and health education promotes the mother's confidence, ensures the baby's well-being and prevents mastitis at the beginning of breastfeeding. The study investigated the role of nurses in preventing mastitis and the causes of this condition during the beginning of breastfeeding. The objectives included conceptualizing mastitis, identifying its causes and consequences, and describing the preventive measures that nurses can adopt.

KEYWORDS: Prevention. Mastitis. Nurse. Education. Health

* Estudante do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Cristo Rei – FACCREI, de Cornélio Procópio. Email: marianeroberta17@outlook.com

** Professora Especialista em Saúde da Mulher no curso de Enfermagem na Faculdade Cristo Rei – FACCREI. Email: claudiane@faccrei.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento saudável do recém-nascido, o leite materno fornece nutrientes e fortalece o sistema imunológico; a amamentação deve ser exclusiva até os seis meses e complementada até os dois anos ou mais, conforme orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde.

A mastite é uma inflamação do tecido mamário geralmente causada pela obstrução dos ductos de leite ou por infecção bacteriana, gerando dor, febre e edema para a puérpera e podendo levar à interrupção precoce da amamentação, comprometendo a nutrição e o vínculo com o recém-nascido.

O enfermeiro atua na prevenção da mastite, orientando sobre a técnica correta de amamentação, promovendo a higienização das mamas, verificando sinais iniciais de inflamação e instruindo sobre a necessidade de esvaziar completamente as mamas após a amamentação.

Quando o enfermeiro atua eficazmente na prevenção da mastite, espera-se a redução da incidência de infecções mamárias, continuidade segura da amamentação, maior conforto para a puérpera e mais bem resultados de saúde para o recém-nascido.

O problema de pesquisa foi qual a atuação do enfermeiro nos cuidados preventivos da mastite na fase inicial da amamentação? O objetivo geral foi investigar a mastite e as causas que resultam na mesma, assim como suas consequências durante a fase inicial da amamentação e também o papel do Enfermeiro na prevenção da mastite.

Os objetivos específicos foram conceituar a mastite, descobrir as causas, consequências e ou complicações da mastite na fase inicial da amamentação para a puerpera e o RN, descrever os meios de prevenção que o Enfermeiro pode realizar na fase inicial da amamentação para evitar a mastite e o desmame precoce.

2. IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO

O leite materno oferece benefícios para a mãe e o recém-nascido. Ele previne infecções gastrointestinais, respiratórias e urinárias, protege contra alergias, diabetes, linfomas, auxilia na involução uterina precoce, pode evitar uma nova gravidez e reduz o risco de câncer de mama. O leite materno é um alimento completo e natural, que traz benefícios para a mãe e o recém-nascido. Ele previne infecções gastrointestinais, respiratórias e urinárias, tem efeito protetor contra alergias, diabetes, linfomas, auxilia na involução uterina precoce, pode proteger contra uma nova gravidez e reduz o risco de câncer de mama. (Mesquita, 2016).

Amamentar proporciona benefícios para ambos, pois o leite materno oferece todos os nutrientes essenciais, fortalece o sistema imunológico, previne doenças e alergias, e reduz o risco de diabetes e obesidade. Para a mãe, ajuda na recuperação pós-parto, promove a involução uterina e diminui o risco de câncer de mama e ovário. É um método seguro, prático e econômico para alimentar o bebê.

A amamentação oferece diversas vantagens para a mãe e o bebê. Para o bebê, o leite materno fornece todos os nutrientes necessários para o crescimento saudável, fortalece o sistema imunológico, previne infecções e alergias, e reduz o risco de doenças como diabetes e obesidade. Para a mãe, a amamentação ajuda na recuperação pós-parto, promovendo a involução uterina e reduzindo o risco de câncer de mama e de ovário. É um método econômico, prático e seguro de alimentar o bebê.

Feliciano (2022) destaca que amamentar oferece diversas vantagens tanto para a mãe quanto para o bebê. Para o bebê, o leite materno é uma fonte completa de nutrientes essenciais para o crescimento saudável, fortalece o sistema imunológico, previne infecções e alergias, e reduz o risco de doenças como diabetes e obesidade. Para a mãe, a amamentação contribui na recuperação pós-parto, promovendo a involução uterina e diminuindo o risco de câncer de mama e de ovário. O leite materno fortalece o sistema imunológico do bebê, previne infecções e doenças como diabetes e obesidade. Para a mãe, favorece a recuperação pós-parto e reduz o risco de câncer

Rodrigues (2023) aponta que a amamentação fortalece o vínculo afetivo entre mãe e bebê, criando um momento de proximidade e conforto. Esse contato próximo é importante para o desenvolvimento emocional do bebê, oferecendo-lhe segurança e tranquilidade. A prática também favorece o desenvolvimento cognitivo e motor do bebê, contribuindo para um crescimento saudável. Para a mãe, amamentar pode facilitar a perda de peso pós-parto e reduzir o risco de depressão pós-parto, além de proporcionar uma sensação de bem-estar e praticidade.

A amamentação fortalece o vínculo entre mãe e bebê, oferecendo segurança e conforto. Esse contato é importante para o desenvolvimento emocional e cognitivo do bebê. Para a mãe, amamentar facilita a perda de peso pós-parto, reduz o risco de depressão e proporciona uma sensação de bem-estar.

O aleitamento é importante para o desenvolvimento do recém-nascido (RN), fornecendo os nutrientes necessários para seu crescimento e saúde. O leite materno contém proteínas, gorduras, carboidratos e anticorpos, que protegem o bebê contra infecções.

Dar de mamar é essencial para o desenvolvimento do recém-nascido (RN), pois fornece todos os nutrientes necessários para seu crescimento e saúde. O leite materno contém proteínas, gorduras e carboidratos, além de anticorpos que protegem o bebê de infecções, como pneumonia e gastroenterites, fortalecendo seu sistema imunológico desde os primeiros dias de vida (Silva, 2018).

O leite materno também apoia o desenvolvimento cognitivo do RN, pois fornece ácidos graxos essenciais e ferro, importantes para o desenvolvimento cerebral e a melhoria da memória, concentração e funções cognitivas.

Palheta (2021) diz que o leite materno também favorece o desenvolvimento cognitivo do RN. Nutrientes como ácidos graxos essenciais e ferro são fundamentais para o desenvolvimento cerebral, ajudando na memória, concentração e nas funções cognitivas. Bebês amamentados tendem a ter uma maior capacidade de aprendizado e de desenvolvimento intelectual ao longo do tempo.

A amamentação contribui para o fortalecimento dos músculos da boca, mandíbula e face do RN, facilitando o desenvolvimento da coordenação motora. O ato de sugar também estimula a coordenação olho-mão e favorece o aprimoramento do desenvolvimento motor fino. Ajuda a regular a respiração do bebê, proporcionando um ritmo mais constante (Jorge, 2023)

Esse processo fortalece as estruturas faciais do bebê, promovendo a evolução

da coordenação motora e a respiração eficiente. A prática também beneficia a interação entre os movimentos do bebê e os estímulos visuais, apoiando o desenvolvimento das habilidades motoras.

Para uma boa amamentação, é preciso que o bebê faça a pega correta no seio. Isso envolve o posicionamento adequado do binômio mãe-bebê, com o queixo do bebê tocando o seio, bochechas cheias e o lábio inferior voltado para fora. Esses fatores evitam traumas e lesões nos mamilos, prevenindo dificuldades na amamentação e desmame precoce (Barbosa, 2018).

A pega incorreta pode impedir que o recém nascido sugue o leite de forma eficiente, comprometendo sua nutrição. As fissuras nos mamilos maternos podem causar dor, deixando a mãe ansiosa, estressada e sem autoconfiança. Isso pode levá-la a acreditar que a produção de leite é insuficiente ou inadequada.

A livre demanda determina que o bebê deve ser alimentado sempre que demonstrar sinais de fome, sem a imposição de horários rígidos ou restrições de tempo para a amamentação. O principal indicador para o aleitamento é o sinal de fome do neonato (Siqueira, 2017).

Esse conceito implica que a amamentação ocorra sempre que o bebê manifestar necessidade de se alimentar, sem a necessidade de seguir um cronograma fixo ou limitar o tempo na mama.

Amamentar exclusivamente até os seis meses é crucial para o desenvolvimento do bebê, pois o leite materno oferece todos os nutrientes essenciais para o seu crescimento. Ele contém anticorpos que protegem contra infecções, fortalecendo o sistema imunológico do recém-nascido, que ainda está em desenvolvimento (Azevedo, 2021).

O aleitamento exclusivo até os seis meses ajuda a prevenir doenças comuns, como infecções respiratórias e gastrointestinais, além de reduzir o risco de doenças crônicas, como obesidade e diabetes, no futuro. Durante esse período, o leite materno é suficiente para suprir todas as necessidades nutricionais do bebê, garantindo um crescimento saudável.

A amamentação favorece o desenvolvimento cognitivo e motor do bebê, contribuindo para um melhor aprendizado e habilidades motoras. O ato de amamentar fortalece o vínculo afetivo entre mãe e filho, melhorando o bem-estar emocional do bebê (Talyuli, 2021).

Esse período de aleitamento exclusivo previne doenças como infecções

respiratórias e gastrointestinais e reduz o risco de obesidade e diabetes. Favorece o desenvolvimento cognitivo e motor, auxiliando no aprendizado e o crescimento saudável do bebê.

3. MASTITE: CONCEITO, CAUSAS, DIAGNOSTICO, TRATAMENTO E AS CONSEQUENCIAS DO DESMAME

A mastite puerperal é uma inflamação da glândula mamária, frequente durante a lactação, que pode se tornar infecciosa. Seus sintomas incluem dor, vermelhidão, inchaço e calor na região afetada, acompanhados de febre, calafrios e cefaleia, com duração de 12 a 24 horas.

Trata-se de uma condição comum que pode evoluir de uma fase não infecciosa para uma infecção. A combinação de sintomas mamários e sistêmicos, como dor local, eritema, edema, calor, febre, calafrios e cefaleia, deve persistir por esse período (De Freitas, 2024).

A mastite puerperal é uma inflamação nas mamas que pode ocorrer no período pós-parto, sendo classificada em duas formas: infecciosa e não infecciosa. A mastite não infecciosa ocorre devido ao acúmulo de leite nos ductos mamários, enquanto a forma infecciosa resulta da proliferação de bactérias nas glândulas mamárias.

Diversos fatores podem contribuir para o acúmulo de leite e predispor ao desenvolvimento da mastite, como a redução súbita no número de mamadas, o esvaziamento incompleto das mamas, a separação entre mãe e bebê e a fadiga materna. Esses fatores aumentam a chance de estagnação do leite, favorecendo a inflamação e, em casos graves, a infecção (Costa, 2023).

As mulheres enfrentam transformações afetivas, emocionais e psicossociais. A mastite puerperal frequentemente resulta da falta de conhecimento das lactantes sobre a condição, sendo essencial estudar o conhecimento sobre aleitamento materno para promover estratégias de apoio e incentivo à amamentação.

Além das mudanças fisiológicas naturais, as mulheres enfrentam grandes transformações que afetam seu lado afetivo, emocional e psicossocial. A mastite puerperal muitas vezes ocorre devido à falta de conhecimento das lactantes sobre a condição. Portanto, é importante realizar estudos sobre o conhecimento do aleitamento materno para desenvolver estratégias adequadas de promoção, incentivo e apoio ao amamentar (Coelho, 2018).

A mastite puerperal é uma inflamação nas mamas durante a lactação, podendo ser classificada como não infecciosa ou infecciosa. Os sintomas, que persistem de 12 a 24 horas, incluem dor, vermelhidão, inchaço e calor nas mamas, além de febre,

calafrios e dor de cabeça.

Essa condição é bastante comum e pode evoluir de um estágio não infeccioso para infeccioso. Estudos indicam que os sintomas devem durar pelo menos 12 a 24 horas. Os sintomas locais incluem dor, vermelhidão, inchaço e calor, enquanto os sintomas sistêmicos envolvem febre, calafrios e dor de cabeça (Wilson, 2020).

Segundo a OMS o aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida é preconizado, visando um bom desenvolvimento infantil e alerta para o desmame precoce que acontece, geralmente nas primeiras quatro semanas após o nascimento. A mastite causa dor, podendo levar a interrupção do aleitamento materno e impactar na saúde do bebê.

A OMS recomenda o aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses. No entanto, esse período apresenta o maior risco para o desenvolvimento de mastite, que pode afetar cerca de uma em cada quatro mulheres, principalmente nas primeiras quatro semanas pós-parto. A mastite, que causa dor e pode levar ao desmame precoce, afeta o bem-estar da mãe e do bebê. Este estudo visa identificar os fatores que aumentam a propensão à mastite no pós-parto e as estratégias para sua prevenção (Crepinsek, 2020).

A mastite lactacional é uma inflamação comum durante a amamentação, frequentemente causada pela estagnação do leite. Seus sintomas incluem dor, vermelhidão e inchaço na mama, além de febre e dor de cabeça. Embora seja mais comum nas primeiras seis a oito semanas pós-parto, pode ocorrer a qualquer momento durante o período de amamentação.

Essa condição se manifesta com uma área dolorida, vermelha e inchada na mama, acompanhada de febre e outros sintomas no corpo. A mastite lactacional pode afetar mulheres em qualquer fase da amamentação, impactando seu bem-estar e a continuidade do aleitamento (Lai, 2021).

A má posição e pega do bebê durante a amamentação podem causar fissuras nos mamilos, dor, ingurgitamento mamário e mastite, levando a mãe a desistir de amamentar.

Quando o bebê não é posicionado corretamente para mamar e a pega na mama não está certa, a amamentação pode se tornar difícil para o bebê. Isso pode levar ao surgimento de problemas como fissuras nos mamilos, causando dor e desconforto, além de favorecer o aparecimento de ingurgitamento mamário e mastite, que são inflamações que podem fazer a mãe desistir de amamentar (Da Silva, 2022).

Tabela 1: Perfil Sociodemográfico de Puérperas Internadas com Mastite Puerperal

Características das Puérperas com Mastite Puerperal	Percentual (%)
Faixa Etária	
16 a 23 anos	61,5
24 a 30 anos	25,0
Procedência	
De determinada localidade	61,5
Estado Civil	
Solteiras	36,4
Casadas	32,7
Escolaridade	
Ensino Fundamental Completo	34,6
Ensino Médio Completo	30,8
Ocupação	
Donas de Casa	36,5
Desempregadas	13,05

Fonte: De Carvalho Mota, 2019.

Fatores como redução nas mamadas, sono prolongado do bebê, uso de chupetas ou mamadeiras, não esvaziamento completo das mamas, freio de língua curto, sucção débil, pega inadequada, escoriações, mamilos planos ou invertidos, separação mãe-bebê e fadiga materna favorecem a estagnação do leite e a mastite.

A principal causa é a obstrução dos ductos mamários, que impede a drenagem completa do leite, favorecendo infecções. Fissuras nos mamilos, causadas por uma pega inadequada, também permitem a entrada de bactérias, desencadeando a infecção. Fatores como estresse, cansaço, uso de sutiãs apertados e imunidade baixa contribuem para o surgimento da mastite.

A mastite é uma inflamação na mama que pode ocorrer durante a amamentação, afetando principalmente as mulheres no pós-parto. As principais causas da mastite incluem a obstrução dos ductos mamários, onde o leite se acumula e não é completamente drenado, criando um ambiente favorável para infecções. Fissuras ou rachaduras nos mamilos, causadas por uma pega incorreta ou outros

traumas, também permitem a entrada de bactérias, levando à infecção. Fatores como estresse, fadiga, uso de sutiãs apertados e sistema imunológico enfraquecido também contribuem para o desenvolvimento da mastite (Fonseca, 2024)

As consequências da mastite podem incluir dor, inchaço, vermelhidão e calor na mama afetada, além de febre e mal-estar. Se não tratada adequadamente, a mastite pode evoluir para a formação de abscessos, exigindo tratamento mais agressivo. O tratamento inicial da mastite envolve a drenagem adequada do leite, a melhora da pega do bebê e a aplicação de compressas mornas. Em casos mais graves, antibióticos podem ser necessários para combater a infecção. Em situações em que ocorrem abscessos, pode ser necessário realizar drenagem cirúrgica. (Gonçalves, 2018).

As consequências incluem dor, inchaço, vermelhidão e calor na mama, além de febre e mal-estar. Quando não tratada corretamente, a mastite pode evoluir para abscessos, necessitando de tratamento mais invasivo. O tratamento inicial inclui drenagem do leite, correção da pega e compressas mornas.

4. ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NOS CUIDADOS PREVENTIVOS DA MASTITE NA FASE INICIAL DA AMAMENTAÇÃO

A prevenção da mastite realizada pelo enfermeiro é para garantir a saúde da mãe e o sucesso da amamentação. O enfermeiro orienta sobre a técnica correta de amamentação, a pega adequada e a posição do bebê, evitando a estase lactacional e as fissuras mamilares, que são as principais causas da mastite. Essas orientações reduzem o risco de infecção e complicações.

O enfermeiro sempre está presente nas consultas de pré-natal, pois é durante seu atendimento que são fornecidas todas as orientações à gestante, além de esclarecer suas dúvidas e aliviar seus medos, transmitindo segurança e conforto através do vínculo profissional-paciente. Cabe ao enfermeiro destacar a importância das consultas e dos exames necessários, além de orientar sobre os cuidados que devem ser adotados. Nesse contexto, o enfermeiro deve agir de forma eficaz, prevenindo a gestante de negligências, imperícias e imprudências, sempre atuando com ética e responsabilidade, a fim de garantir o nascimento de um bebê saudável (Machado, 2022).

O enfermeiro ensina a mãe sobre os cuidados com a mama, como esvaziar as mamas completamente e amamentar com regularidade. O acúmulo de leite pode levar à mastite, e o enfermeiro orienta a evitar esse problema, promovendo uma amamentação eficiente e sem dor, como também oferece apoio emocional à mãe, ajudando a superar o desconforto físico e psicológico causado pela mastite. Com orientações claras e intervenção precoce, o enfermeiro previne a progressão da mastite, garantindo a continuidade da amamentação e o bem-estar da mãe e do bebê. O enfermeiro atua na promoção de ações de educação em saúde de maneira integral e humanizada, com foco nas orientações para a prevenção de intercorrências durante o puerpério. Seu trabalho visa incentivar as gestantes a adotarem medidas de prevenção e cuidados, garantindo uma experiência de amamentação mais segura e satisfatória para a mãe e o bebê (Costa, 2023)

O enfermeiro orienta as gestantes para prevenir problemas no puerpério, promovendo ações de saúde de forma integral e humanizada. O foco é incentivar

medidas preventivas e cuidados, assegurando uma amamentação mais segura e satisfatória para mãe e bebê.

Uma educação de qualidade durante o pré-natal ensina às mães maneiras de prevenir e tratar a mastite. A assistência do enfermeiro é direcionada a ambos, com ênfase nas unidades básicas de saúde (UBS), onde o acompanhamento ambulatorial do processo é realizado. Caso haja progressão da doença, mãe e bebê serão monitorados de forma intra-hospitalar, com internação e suporte integral de uma equipe especializada (Corado Loreno, 2023).

Uma orientação eficaz no pré-natal capacita as mães a prevenir e identificar sinais de mastite. O enfermeiro oferece suporte contínuo, especialmente nas UBS, onde é feito o acompanhamento regular. Em caso de agravamento, mãe e bebê recebem monitoramento em ambiente hospitalar, com internação e atendimento integral de uma equipe especializada.

O enfermeiro pode ensinar a mãe como amamentar corretamente, mostrando a melhor forma de posicionar o bebê e garantir que ele consiga mamar sem dificuldade, o que ajuda a evitar a mastite. A pega correta do bebê é uma das formas mais eficazes de prevenir essa inflamação (Dantas, 2020).

O enfermeiro orienta a mãe sobre o posicionamento adequado do bebê durante a amamentação para facilitar a sucção e prevenir a mastite.

O enfermeiro é indispensável em cada etapa do processo, assegurando uma assistência efetiva, humanizada e de qualidade. A amamentação é um ato de amor, cuidado e proteção tanto para o recém-nascido quanto para a mãe, pois o leite materno fornece todos os nutrientes essenciais para o desenvolvimento do bebê. O esvaziamento completo das mamas, reduz significativamente o risco de desenvolver a mastite, evitando o acúmulo excessivo de leite nas glândulas mamárias e garantindo a nutrição adequada para o bebê.

A atuação do enfermeiro no manejo dos casos de mastite puerperal abrange desde o pré-natal até o período puerperal, incluindo o diagnóstico. A mastite afeta de 2% a 10% das lactantes e é causada pela presença de microrganismos no tecido mamário. Essa condição geralmente resulta de uma pega inadequada e do esvaziamento incompleto da mama, levando à estase láctea e ao surgimento de fissuras mamilares (Corado Loreno, 2023).

Essa atuação deve começar no período puerperal, na maternidade, durante a internação da nutriz. Esse apoio inclui o alojamento conjunto, a supervisão, a correção

e a demonstração da técnica correta de amamentação, visando prevenir problemas e garantir o sucesso na amamentação.

Nos casos de mastite, o enfermeiro é responsável pelo suporte físico e emocional da puérpera, em colaboração com a equipe multidisciplinar. É fundamental garantir que o processo de alimentação da criança não seja interrompido, uma vez que essa interrupção pode agravar a mastite devido ao acúmulo de leite materno no ducto mamário inflamado. Juntamente com a equipe, deve-se avaliar cada caso conforme suas particularidades, desenvolvendo abordagens propedêuticas eficazes que proporcionem uma resolução rápida e evitem a piora da condição (Meirù, 2016). Os enfermeiros atuam nos cuidados com gestantes e puérperas, focando na prevenção de complicações mamárias. Por meio de orientações e ações educativas, contribui para que essa fase de amamentação seja uma experiência positiva e gratificante.

A principal estratégia de manejo para a mastite puerperal é a remoção eficiente e frequente do leite da mama afetada. Essa prática é efetiva para aliviar a congestão e promover a cicatrização. A antibioticoterapia deve ser iniciada se os sintomas não melhorarem dentro de 12 a 24 horas ou se a puérpera apresentar um quadro de doença aguda. Essa abordagem permite um cuidado mais eficaz e a recuperação mais rápida da mãe, assegurando que a amamentação possa continuar de forma saudável (De Freitas, 2024).

Portanto, a remoção eficiente e frequente do leite é necessária no manejo da mastite puerperal, sendo a principal estratégia para aliviar a congestão e favorecer a cicatrização. Caso os sintomas não melhorem ou haja a presença de sinais de doença aguda, a antibioticoterapia deve ser iniciada. Essa abordagem garante uma recuperação mais rápida da mãe e a continuidade saudável da amamentação.

Os manejos terapêuticos de responsabilidade assistencial proporcionam uma perspectiva de humanidade e cuidado para a mãe, criança e família, ressaltando a importância da educação familiar sobre o manejo adequado da condição. A atuação do enfermeiro nesse contexto representa o maior compromisso com as mães, assegurando um atendimento humanizado e eficaz que supre suas necessidades (Piza, 2018).

A assistência terapêutica visa garantir cuidado humanizado à mãe, à criança e à família, com foco na educação sobre o manejo adequado. A atuação do enfermeiro é eficaz para oferecer um atendimento que realmente atenda às necessidades dessas

mães.

A promoção de boas práticas e técnicas de amamentação é necessária para a prevenção da mastite puerperal, sendo que essas orientações sejam integradas ao pré-natal e às consultas puerperais. Medidas de prevenção ao ingurgitamento mamário e a aplicação de técnicas adequadas de amamentação são cruciais para garantir uma experiência de amamentação saudável. Para prevenir a mastite puerperal, é imperativo oferecer uma assistência de enfermagem integral, com um foco especial na educação em saúde. Isso envolve fornecer orientações sobre boas práticas de amamentação e estratégias para evitar complicações. Com essas informações, a puérpera poderá desfrutar de uma amamentação segura e eficaz, contribuindo para a saúde dela e do bebê (Costa, 2023).

Isso deve ser abordado no pré-natal e nas consultas pós-parto, com ênfase na prevenção do ingurgitamento mamário. O enfermeiro é fundamental, fornecendo orientações claras para garantir uma amamentação segura e eficaz.

O papel do enfermeiro é promover ações educativas em saúde de maneira integral e humanizada, com foco nas orientações voltadas à prevenção de intercorrências no puerpério. Essas ações visam capacitar as gestantes a adotarem medidas preventivas e cuidados, garantindo uma amamentação mais segura e satisfatória para o binômio mãe-bebê (Costa, 2022).

O enfermeiro orienta as gestantes sobre medidas preventivas e cuidados no puerpério, garantindo uma amamentação mais segura e eficaz, o que beneficia a saúde da mãe e do bebê.

Outro cuidado importante do enfermeiro é orientar a mãe a amamentar de forma alternada, usando ambas as mamas. Isso evita o acúmulo de leite em uma só mama, o que pode causar obstruções e levar à mastite. O enfermeiro também pode recomendar à mãe que amamente com frequência para evitar que o leite se acumule. Essas orientações são fundamentais para manter o fluxo de leite adequado e prevenir o problema (Feliciano, 2022).

O enfermeiro deve orientar a mãe a amamentar alternadamente, utilizando ambas as mamas, para evitar o acúmulo de leite, que pode causar obstruções e levar à mastite. Recomenda-se a amamentação frequente para garantir que o leite não se acumule.

A crioterapia, que envolve a aplicação de gelo ou gel gelado em intervalos regulares após as mamadas, pode ser uma estratégia eficaz para aliviar o desconforto

mamário. Em casos mais graves, as aplicações podem ser realizadas a cada duas horas. O tempo de aplicação das compressas frias não exceda 20 minutos, para evitar o efeito rebote, que resulta em um aumento do fluxo sanguíneo como compensação pela redução da temperatura local. Essa prática pode ajudar a prevenir complicações como o ingurgitamento mamário e a mastite puerperal, promovendo um processo de amamentação mais confortável (Costa, 2023).

A crioterapia é uma medida eficaz para aliviar o desconforto mamário e prevenir complicações como ingurgitamento e mastite puerperal. Ao ser aplicada corretamente, com intervalos regulares e tempo controlado, ela proporciona alívio imediato e contribui para uma amamentação mais confortável e segura.

O papel do enfermeiro como educador em saúde envolve a orientação voltada para a prevenção de intercorrências no puerpério, com essas orientações sendo oferecidas ao longo do pré-natal, parto e período pós-parto. A participação da enfermagem é de extrema importância, pois os enfermeiros atuam como instrutores, destacando-se no aconselhamento, na detecção precoce de condições de risco e na educação para a saúde da gestante e da puérpera. Para prevenir a mastite puerperal, é preciso uma assistência de enfermagem integral, com ênfase na educação sobre boas práticas de amamentação (Costa, 2022).

O enfermeiro orienta a prevenção de complicações no puerpério durante o pré-natal, parto e pós-parto. Sua atuação é crucial para identificar riscos precoces e educar sobre boas práticas de amamentação, prevenindo a mastite puerperal.

5. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada com base em uma revisão bibliográfica. Para a execução desta revisão, foram utilizados materiais obtidos por meio de pesquisas em livros, dados eletrônicos, textos e artigos especializados na área dos últimos nove anos. As bases de dados consultadas incluíram PubMed, SciELO e Google Acadêmico, garantindo acesso a informações relevantes e de qualidade, do período entre 2015 e 2024.

Inicialmente, foram consultadas 26 referências bibliográficas, incluindo leis, livros e artigos. Destas, 5 referências foram excluídas por não atenderem aos critérios de relevância e atualidade definidos para a pesquisa. Assim, um total de 21 referências foram selecionadas e utilizadas na construção deste estudo.

As referências escolhidas abordam temas relacionados ao aleitamento materno e suas complicações, com foco na mastite puerperal, proporcionando uma análise abrangente e fundamentada sobre o tema.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mastite puerperal é uma condição inflamatória comum durante o período de lactação, podendo afetar muitas mulheres nas primeiras semanas após o parto. Ela é causada tanto pela estagnação do leite nas glândulas mamárias quanto pela presença de microorganismos, resultando em inflamação e desconforto para a lactante. A correta compreensão de suas causas e consequências é importante para o manejo e prevenção da condição, especialmente no que se refere ao impacto sobre a amamentação e o bem-estar materno e infantil.

Os fatores que contribuem para o surgimento da mastite incluem a pega inadequada do bebê, o esvaziamento incompleto das mamas, além de outros problemas como ingurgitamento mamário. Esses fatores podem levar ao acúmulo de leite e ao desenvolvimento de fissuras, aumentando o risco de infecções. A orientação sobre técnicas adequadas de amamentação e a alternância entre as mamas é essencial para reduzir essas complicações e garantir uma experiência mais confortável e saudável para a mãe.

O papel do enfermeiro na prevenção da mastite envolve tanto o suporte técnico quanto o educativo para as puérperas. O enfermeiro deve atuar desde o pré-natal, orientando as gestantes sobre os cuidados essenciais durante o período de lactação, prevenindo complicações como o ingurgitamento e garantindo que as mães compreendam a importância de uma amamentação frequente e adequada, esse apoio contínuo durante o puerpério reforça a confiança da mãe no processo de amamentação.

O enfermeiro desempenha um papel vital na detecção precoce dos sinais de mastite, podendo intervir com estratégias simples como a aplicação de compressas e a correção da pega. A atuação precoce e eficaz do enfermeiro previne a progressão da inflamação para casos mais graves, como abscessos mamários ou septicemia, que poderiam demandar intervenções médicas mais invasivas, como a antibioticoterapia. Outro aspecto do trabalho do enfermeiro é a promoção de uma assistência humanizada e integral, focada na saúde física e emocional da mãe. A educação em saúde, por meio de consultas regulares e orientações personalizadas, ajuda a empoderar as lactantes, tornando a amamentação uma prática mais segura e eficaz. A prevenção da mastite também envolve garantir que as mães tenham acesso ao

apoio necessário para cuidar adequadamente de suas mamas e seguir práticas que previnam complicações.

O enfermeiro possui um papel de muita relevância na prevenção e manejo da mastite puerperal, atuando em diferentes frentes: desde a educação pré-natal, passando pelo acompanhamento do período de lactação, com intervenções específicas para prevenir esta condição. Sua contribuição é indispensável para garantir que as puérperas tenham uma experiência de amamentação positiva, beneficiando tanto a saúde materna quanto o desenvolvimento saudável do bebê.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Bruna Abaliac; ATAÍDE, Rita de Cássia Natividade. **Determinantes da interrupção precoce do aleitamento materno: uma revisão narrativa.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 13, n. 9, p. e8939-e8939, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/8939>. Acesso em 08 novembro de 2024.

BARBOSA, Gessandro Elpídio Fernandes et al. **Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo.** Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 18, p. 517-526, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/FvCwDtXSystv9nYhx8NrC3w/?lang=pt>. Acesso em 08 novembro de 2024.

BRASIL. **Leite materno: índices de amamentação crescem no Brasil.** 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/agosto/leite-materno-indices-de-amamentacao-crescem-no-brasil>. Acesso em 10 abril de 2024.

COELHO, Andressa Almeida; DE LIMA, Claudia Moreira; DE ARRUDA, Edson Henrique Pereira. **Conhecimento de gestantes e puérperas acerca da mastite puerperal.** Journal Health NPEPS, v. 3, n. 2, p. 540-551, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3021>. Acesso em 18 de junho de 2024.

CORADO LORENO, Gabriela Aparecida Tavares; MAZARO, Thaynara Costa; DE AGUIAR, José Willian. **Assistência de enfermagem em casos de mastite puerperal.** Ciências da Saúde, Enfermagem, v. 27, n. 127, p. 28, out. 2023. Disponível em: <https://revistافت.com.br/assistencia-de-enfermagem-em-casos-de-mastite-puerperal/>. Acesso em 25 de setembro de 2024.

COSTA, Ianca da Silva Moraes; MIRANDA, Priscila Quintino; KOOPMANS, Fabiana Ferreira. **Atuação do Enfermeiro na Prevenção de Mastite Puerperal na Atenção Básica de Saúde.** Epitaya E-books, v. 1, n. 28, p. 157-167, 2023. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/650>. Acesso em 25 de setembro de 2024.

CREPINSEK MA, Taylor EA, Michener K, Stewart F. **Interventions for preventing mastitis after childbirth.** Cochrane Database of Systematic Reviews [Internet]. 2020. Disponível em: <https://www.cochranelibrary.com/cdsr/doi/10.1002/14651858.CD007239.pub4/abstract>. Acesso em 18 de junho de 2024.

DA SILVA, Júlia Nicolay Santos Felix et al. **Aleitamento materno e as principais intercorrências que levam ao desmame precoce.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 7, p. 1047-1057, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/6392>. Acesso em 18 de junho de 2024.

DA SILVA, Luciene Rosa; JUNIOR, Helio Marco Pereira Lopes; DA SILVA, Luana Guimaraes. **Amamentação exclusiva: os principais benefícios para a saúde da criança.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e

Educação, v. 10, n. 9, p. 3695-3708, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/15825>. Acesso em 08 de novembro de 2024.

DANTAS, Bárbara Peixoto et al. **A importância do enfermeiro na assistência ao aleitamento materno: os cuidados na amamentação nos diferentes cenários.** Saúde Coletiva (Barueri), v. 10, n. 57, p. 3417-3428, 2020. Disponível em: <https://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/932>. acesso em 14 de outubro de 2024.

DE CARVALHO MOTA, Thamirys et al. **Caracterização clínica e epidemiológica da mastite puerperal em uma maternidade de referência.** Enfermagem em Foco, v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1331>. Acesso em 14 de outubro de 2024.

DE FREITAS, Taynara Brasil et al. **Fatores de risco e fatores protetores para o desenvolvimento de mastite puerperal: uma revisão integrativa.** Inova Saúde, v. 14, n. 2, p. 13-19, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/Inovasaude/article/view/7803>. Acesso em 25 de setembro de 2024.

FELICIANO, Anabela Almeida. **Conhecimentos percebidos pela puérpera na alta hospitalar.** 2022. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/7312>. Acesso em 15 de outubro de 2024.

FONSECA, Mizaelly Layrane Alves. **Estratégias para o tratamento da dor relacionada ao aleitamento materno: revisão integrativa de literatura.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/59285>. Acesso em 08 de novembro de 2024

GONÇALVES, Aline da Silva et al. **A amamentação vivenciada por pais: representações sociais e experiências.** 2018. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/15432>. Acesso em 08 de novembro de 2024.

JORGE, Luciana da Silva Sampaio. **Aleitamento materno.** Editora Senac São Paulo, 2023.

LAI B-Y, Yu B-W, Chu A-J, Liang S-B, Jia L-Y, Liu J-P, et al. **Risk factors for lactation mastitis in China: A systematic review and meta-analysis.** Baltzer PAT, editor. PLOS ONE [Internet]. 2021. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0251182>. Acesso em 18 de junho de 2024.

MACHADO, Juliana da Cunha Souza. **Assistência de enfermagem na mastite puerperal.** Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso, 2022. Disponível em: <https://www.pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/repositorioctcc/article/download/3873/2912>. Acesso em 25 de setembro de 2024

MEIRÚ, Maria Imaculada Lourenço; ROUBERTE, Emilia Soares Chaves. **Construção de instrumento para a sistematização da assistência de enfermagem ao lactente.**

2016. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/580>. Acesso em 25 de setembro de 2024.

MESQUITA, A.L et al. **Atribuições de enfermeiros na orientação de lactantes acerca do aleitamento materno.** Rev. Cient. Sena Aires. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/lel-filho/publication/327019589_atribuicoes_de_enfermeiros_na_orientacao_de_lactantes_a_cerca_do_aleitamento_materno/links/5b72df1b45_851546c902f5df/atribuicoes-de-enfermeiros-na-orientacao-de-lactantes-acerca-do-aleitamento-materno.pdf. Acesso em 08 de novembro de 2024.

PALHETA, Quezia Aline Ferreira; AGUIAR, Maria de Fatima Rodrigues. **Importância da assistência de enfermagem para a promoção do aleitamento materno.** Revista Eletrônica Acervo Enfermagem, v. 8, p. e5926-e5926, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/5926>. Acesso em 08 de novembro de 2024.

PIZA, Silvia Regina; FEBRASGO: **Mastite puerperal.** 2018. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/309-mastite-puerperal>. Acesso em 25 de setembro de 2024.

RODRIGUES, Yandara Farias; QUITERIA, Joana. **assistência do enfermeiro no aleitamento materno no pós-parto.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 10, p. 5768-5777, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12257>. Acesso em 08 de novembro de 2024.

SILVA, Osvaldinete Lopes de Oliveira. **Análise do custo-efetividade da Iniciativa Hospital Amigo da Criança na promoção da amamentação e redução da mortalidade infantil.** 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6138/tde-22022019-151700/en.php>. Acesso em 08 de novembro de 2024

SIQUEIRA, Fernanda Paula Cerântola; SANTOS, Barbara Almeida. **Livre demanda e sinais de fome do neonato: percepção de nutrizes e profissionais da saúde.** Saúde e Pesquisa, v. 10, n. 2, p. 233-241, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/5943>. Acesso em 08 de novembro de 2024.

TALYULI, Vilma Alves Ramos. **A importância dos bons hábitos alimentares na educação infantil para desenvolvimento da criança.** 2021. Acesso em 08 de novembro de 2024.

WILSON, Emily; WOODD, Susannah L.; BENOVA, Lenka. **Incidence of and risk factors for lactational mastitis: a systematic review.** Journal of Human Lactation, v. 36, n. 4, p. 673-686, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0890334420907898>. Acesso em 18 de junho de 2024.